

O USO DA TRADUÇÃO ASSISTIDA EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ivone C. Benedetti

Tradutora

ivonecenedetti@terra.com.br

Resumo: Este artigo tem o objetivo de orientar os tradutores de ciências humanas e literatura no uso de ferramentas de auxílio à tradução. Em geral, os tradutores que trabalham com esse tipo de texto alegam que tais ferramentas não lhes são úteis, pois eles costumam lidar com terminologia difusa, variável, pouco repetitiva, em textos constituídos sobretudo por termos da linguagem comum. Essa afirmação é em parte verdadeira. Em parte não, porque o tradutor que trabalha com setores específicos das ciências humanas freqüentemente se verá diante de terminologia repetitiva. Por outro lado, também é possível explorar constantes gramaticais, criando utilíssimos mecanismos de substituição para expressões, sintagmas ou sufixos de tradução mais ou menos estereotipada.

Palavras-chave: Auxílio à tradução, substituição, ciências humanas, literatura.

Abstract: The purpose of this paper is to provide translators of literature and human sciences with some basic orientation on translation-aid tools. Generally speaking, translators who work with this type of text claim that such tools are of little use to them because they deal with such a wide range of varied, non-repetitive terminology in texts made up predominantly of common language. This claim is true only in part. Translators who work with specific areas of the human sciences will often be faced with repetitive terminology. An additional benefit of translation-aid tools is the fact that they make it possible to explore grammatical constants and to create extremely useful replacement mechanisms for the more or less stereotyped translation of expressions, syntagmas, and suffixes.

Keywords: Translation aids, replacement, human sciences, literature.

Preliminares

O uso da tradução assistida em ciências humanas não é tão difundido quanto nas chamadas áreas técnicas. Muito menos difundido é seu uso em tradução de literatura. Isso se explica por dois fatores, um intrínseco à atividade de tradução, outro extrínseco, mercadológico. O fator intrínseco está ligado à própria estrutura habitual dos textos em questão. Tais textos não costumam depender crucialmente de um *corpus* terminológico rigorosamente setorizado, um *corpus* estável, vasto e facilmente transferível de um tradutor para outro. É claro que essa afirmação deve ser entendida em tese, pois sempre haverá exceções. Os textos de ciências humanas e, *a fortiori*, de literatura, exigem um modo de abordagem um tanto diferente do modo como em geral são tratados os textos eminentemente referenciais, os das chamadas áreas técnicas. Em ciências humanas, por exemplo, a terminologia é muito mais difusa e pode variar sensivelmente de autor para autor. Isso dificulta muito a sistematização necessária à criação de glossários fixos, com um campo de aplicação amplo. Além disso, a estruturação discursiva é extremamente variável (não há preocupação em simplificar o enunciado para facilitar seu manuseio), e muitas vezes o tradutor precisa agir como verdadeiro intérprete literário, como conhecedor de um autor específico para saber que táticas utilizar em determinado momento, pois a mesma palavra poderá implicar tradução diferente em outro autor. Também é preciso lembrar que a terminologia em ciências humanas sempre está “perdida” em meio a uma massa imensa de discurso lavrado em linguagem “comum”, o que pode levar à falsa impressão de que não há terminologia específica. Isso, até certo ponto, deixa de incentivar o tradutor a buscar meios auxiliares para sua atividade, pois ele acreditará que o único objetivo da tradução assistida é a substituição terminológica. É óbvio que esses fatores também estão presentes em muitos textos da chamada tradução técnica, mas

de modo geral são exacerbados na tradução de ciências humanas e muito mais em textos literários.

O fator extrínseco, mercadológico, é consequência desse. As editoras não se interessam pela tradução assistida e não têm motivação para trabalhar como as agências de tradução, que transferem glossários entre tradutores, negociam *matches*, repetições e coisas do gênero. Em ciências humanas, esse tipo de trabalho, além de complexo (em virtude das razões acima expostas), produziria resultados pífios em termos de ganhos. Em vista disso, o eventual uso da tradução assistida por parte do tradutor de ciências humanas e de literatura é resultado apenas de decisão pessoal, e não de imposição do mercado.

Gostaria de chamar a atenção, porém, para o equívoco de se deduzir daí que o trabalho para editoras não seria passível de uso sistemático de tradução assistida incentivado pelo “empregador”. Existem ramos editoriais nos quais esse uso seria extremamente fácil: são os ramos nos quais a terminologia específica é bem demarcada e repetitiva. Citaria como exemplo o caso das editoras de livros de medicina, que poderiam facilmente adotar as táticas das agências de tradução. Se o fazem não sei, pois não atuo no ramo, mas não posso me furtar a observar que, infelizmente, esse seria mais um pretexto para tais editoras diminuírem preços que, já de saída, são aviltantes. E aí – como costuma acontecer em quase tudo – as considerações de caráter técnico nunca deixam de ter implicações econômicas.

Finalmente, uma outra diferença marcante entre o ramo editorial e o da clientela comercial é que, nesta, os textos costumam vir em formato eletrônico, ao passo que o texto de editora sempre vem na forma de material impresso. Isso faz que o tradutor, no momento de optar por algum instrumento de tradução assistida, precise começar com uma atitude importante: comprar um escâner. E, além do custo da compra, precisará contabilizar o tempo necessário para passar todo um livro no escâner ou a remuneração a alguém que o faça. Também precisará ter um bom programa de

leitura, para que o texto resultante seja aproveitável. Mas nem só do programa de leitura depende o resultado: sobre ele também tem influência determinante a qualidade do texto de origem.

Experiência pessoal

Na época em que comecei a pensar em programa de auxílio à tradução, existiam na praça dois programas, dos quais meus colegas falavam muito: *Trados* e *Déjà Vu*. Mais do que qualquer recurso oferecido, o que mais me impressionava neles era o preço. Eu sabia que precisava de algum auxílio para aumentar meu rendimento, mas não me arriscava a gastar tanto dinheiro para comprar um programa cujos resultados eu desconhecia na prática. Foi quando vi uma mensagem que comentava um programinha chamado *Word Fisher*, desenvolvido por um tradutor chamado Tibor Kornyei. Na época, custava trinta dólares; mas era possível baixar gratuitamente uma versão de demonstração do *site* do autor. Foi o que fiz. O *site*, então, só oferecia um manual em inglês (hoje, além do inglês, é possível ler o manual em húngaro, basco, búlgaro, chinês, francês, alemão, grego, italiano, polonês, português, russo e espanhol). Não se trata de nada muito fácil. Na verdade, a vantagem de obter um programa praticamente de graça é até certo ponto contrabalançada pela desvantagem de não ter “assistência técnica”. Levei uma semana para entender exatamente o que o programa fazia e como o fazia. Mas valeu a pena, pois imediatamente após o início do uso verifiquei um grande aumento no meu rendimento.

O programa se incorpora no Word e funciona como um grande macro. É leve e, depois de dominadas suas principais funções, seu manuseio é fácil.

Parece-me ocioso descrever o funcionamento do programa aqui. Qualquer colega interessado poderá descobri-lo no *site* www.wordfisher.com, ainda que não baixe o programa. Aliás, atualmente ele é oferecido de graça.

Aqui me limitarei a dar algumas características gerais. Começo transcrevendo o que o próprio autor diz de seu programa na comparação que faz entre ele e os outros, presentes no mercado.

Strictly speaking, WordFisher is not a translation memory software. Those are very complex software using large databases to store entries, algorithms for finding and matching segments, and many other functions. However, WordFisher uses advanced Word macros to create many functions that are similar to translation memory environment.

What WordFisher calls indexing, translation memory software calls segmentation.

What WordFisher calls bilingual glossary, translation memory software calls terminology database.

What WordFisher calls bilingual corpus, translation memory software calls memory database.

Like translation memory software, WordFisher analyses a text, cuts it into segment (using similar segmentation rules, which can be customised). It can also pre-translate using bilingual glossaries and corpus either in one file or several files in the same project simultaneously. However, it doesn't find fuzzy matches. It can only look for total match.

WordFisher only does pre-translation, it doesn't extract already translated passages or terms from the glossaries or corpus while you translate. It will not automatically present you with a list of already translated passages or terms from the bilingual glossary or corpus as you translate. You would need to search them with the search function and extract them manually.

Like translation memory software, WordFisher allows you to align previous translations using its alignment tool. WordFisher's alignment tool is very easy to use.

Like translation memory software, WordFisher allows you to search your bilingual corpus and glossaries with its powerful search function in a similar way as a text retriever does. You can search several files simultaneously. It will present the results of hits by highlighting the keywords within their context (i.e. segment).

There are other differences but this section was simply to give a broad idea of the sort of CAT tool WordFisher is and what you can gain with it.

When you first start using WordFisher to translate, the first thing to do is to create a project. Various elements need to be explained before doing this.

Enfim, com seu auxílio é possível:

1. criar projetos, com segmentação e alinhamento de arquivos (o original e o que vai ser traduzido);
2. criar glossários;
3. criar um *corpus* bilíngüe;
4. localizar terminologia em grupos de arquivos;
5. substituir terminologia com o uso de *corpus* já montado;
6. substituir termos em vários arquivos simultaneamente;
7. revisar as traduções;
8. converter para o formato *Trados*, caso isso seja necessário.

Evidentemente, as pessoas que não têm grande desenvoltura em informática poderão deixar de tirar proveito de muitos dos seus recursos avançados, mas, mesmo assim, são grandes as vantagens do programa em termos de aumento do rendimento e diminuição do desgaste físico e do cansaço.

De tudo o que eu disse acima, deve decorrer a seguinte pergunta: de que maneira esse programa (ou qualquer outro) poderá ser útil em tradução de ciências humanas ou literatura, se essas duas áreas não se caracterizam pela presença de terminologia específica e repetitiva?

A essa pergunta eu respondo que, além da construção de glossários de terminologia propriamente dita, é possível explorar os mecanismos de substituição para “traduzir” desinências, expressões idiomáticas e palavras ou locuções muito freqüentes. Por exemplo, a tradução das desinências *-able* (francês, espanhol, inglês) ou *-abile* (italiano) por *-ável* poderá render resultado correto em pelo menos 80% dos casos. A tradução de *il y a* ou de *there is/ there are* por *há* poderá não ser aceita pelo tradutor em 100% dos casos, mas será aceitável na grande maioria das ocorrências. O mesmo se diga de expressões idiomáticas, locuções verbais, preposições, conjunções etc. que tenham tradução mais ou menos fixa. Além disso, visto que o jargão de cada autor vai sendo percebido e assimilado pelo tradutor, numa obra de 200 páginas, por exemplo, antes de se completar um terço da tradução já terão sido colecionados um bom glossário e uma boa lista de palavras substituíveis. Tudo isso, evidentemente, ficará armazenado para os trabalhos futuros.

Após as substituições iniciais (que o programa faz automaticamente, com base em banco de dados já armazenado), pode-se ter um parágrafo assim, por exemplo (traduzido do francês):

On présentera aqui sucessivement noss método que* entend capter a totalidade ds fenômenos e ds domínios os/as mais heterogênes da comunicação em os/as identifiant a três metáforas fondatrices que* renvoient a três visões do mundo (L. Sfez, *Crític da comunicação*. O Seuil, 3' éd., 1992).

Como se vê, a tradução “de verdade” consistirá em “pôr as coisas em seus devidos lugares”. No exemplo acima, foi acrescentado um asterisco ao *que* (*que**) para indicar que se trata da tradução de um *qui*, e não de um *que*, e assim evitar erros crassos; o *ds* equivale a um *des*, cujo gênero não é identificável fora do contexto (o trabalho consistirá em introduzir um *a* ou um *o* entre o *d* e o *s*); *os/as* equivale a *les*, cujo gênero tampouco é identificável fora do contexto (no exemplo acima, aliás, o conjunto deverá ser

eliminado); as referências entre parênteses deverão ser restabelecidas em francês, o que é feito transportando-se o texto do arquivo original.

Cada língua determinará as táticas adotadas.

Além disso, é preciso produzir um bom resultado em português, o que muitas vezes significa descartar boa parte das palavras e reconstruir a frase com outras. Mas existem momentos em que é possível aproveitar na íntegra uma linha ou até duas.

A exploração dos recursos de macro do próprio Word também são de grande valia. Por exemplo, nas traduções de inglês, as seqüências adjetivo-substantivo traduzidas poderão ser facilmente invertidas (para se obter a seqüência substantivo-adjetivo) com a construção de uma macro que retire a(s) palavra(s) anteriores e a(s) transponha para depois de outra(s) palavra(s).

Enfim, são inúmeros os recursos que poupam tempo na digitação, organizam glossários e – o que não é menos importante – conseguem organizar os arquivos de tal modo que sempre será possível recuperar dados de trabalhos já feitos. Nesse sentido, o mecanismo de busca do Wordfisher é extremamente útil: ele armazena os arquivos em vários grupos (determinados pelo usuário) e faz uma rápida busca no grupo indicado, apresentando a seguir uma página com todos os parágrafos onde esteja presente o texto buscado. Ou seja, sem abrir o arquivo, é possível ler a palavra em seu contexto.

O “controle de qualidade”

As facilidades criadas pelos programas de assistência à tradução podem dar ao tradutor a impressão de que seu texto está acabado depois de uma primeira leitura concomitante à tradução. Afinal, se não há risco de ocorrência de saltos (essa é uma grande vantagem complementar desses programas), se a terminologia está correta e – importante – coerente, não deveria haver necessidade de outra leitura mais atenta e minuciosa. Ledo engano. Há dois gran-

des riscos no uso desses programas: o decalque e a interpretação errônea do texto original.

A primeira leitura de uma tradução geralmente é contaminada pela língua de origem, e o tradutor (que costuma trabalhar sob pressão de prazos) poderá acabar criando um texto que, embora lhe pareça bom, será intragável para um terceiro que não tenha tido contato com o texto de origem. Todos sabem que o risco do decalque existe em qualquer sistema de tradução, mas é importante notar que, na tradução assistida, esse fenômeno poderá ser subestimado em virtude da falsa impressão de perfeição do trabalho.

O risco de interpretação errônea do texto de origem, embora também exista na tradução “digitada”, é mais insidioso no caso da tradução assistida. Afinal, as palavras estão todas *lá*, e sempre se pode ter a impressão de que foram lidas corretamente. Mas alguma pequena nuance da relação entre elas poderá levar a traduções diferentes e, às vezes, diametralmente opostas.

Aconselho, portanto, o tradutor de ciências humanas e – com mais razão – de literatura a revisar seu texto um ou dois dias depois de traduzido, com o mesmo cuidado e o mesmo rigor que usaria caso o tivesse digitado por inteiro. Afinal, o tempo e o desgaste poupados na digitação possibilitam uma revisão cuidadosa, sendo assim possível obter um resultado bastante satisfatório.

Afinal, ao contrário do que tem ocorrido em muitos setores da atividade de tradução, nos quais os programas de auxílio à tradução têm sido utilizados como instrumentos de diminuição programada da remuneração do tradutor, no setor de tradução de ciências humanas para editoras o tradutor é senhor de seu instrumento de trabalho, de seus glossários etc. Que isso lhe sirva de motivo para oferecer um resultado cada vez melhor e assim se tornar mais respeitado e bem pago pelo mercado.